

Vida Económica

03-04-2020

Periodicidade: Semanal

Classe: Economia/Neócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 11855

Temática: Economia

Dimensão: 842 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/5

António Saraiva evita utilizar a palavra “colapso”

# “Economia entrou em hibernação”

- Milhares de empresas com sobrevivência ameaçada

Pág. 5

ANTÓNIO SARAIVA EVITA UTILIZAR A PALAVRA “COLAPSO”

## “Economia entrou em hibernação”

As medidas de apoio quer a nível laboral quer a nível fiscal são constantemente alteradas pelo Governo. “O que mais me preocupa são as disfunções que ainda permanecem nos vários instrumentos que estão a ser delineados e que prejudicam a eficácia e rapidez com que as medidas estão a chegar ao terreno”, afirma António Saraiva.

A inquietude e a ansiedade dos empresários aumentam a cada dia que passa. “Conseguir salvar o maior número de empresas e de emprego” é neste momento a prioridade. “É nisso que estou empenhado”, acrescenta o presidente da CIP.

VIRGÍLIO FERREIRA  
virgilio@vidaeconomica.pt

**Vida Económica – Como vê a atual situação relativa à Covid-19 e que impacto está a ter nas empresas e na economia?**

**António Saraiva** - Obviamente, a minha preocupação é enorme.

Pressupondo que a pandemia não passe antes de final de maio, tendo em conta que a maior parte das PME não tem liquidez para aguentar mais de um mês sem entrada de receitas, a questão que se coloca é quantas PME de inúmeros setores de atividade, encerradas total ou parcialmente, por imposição legal, pela ausência de trabalhadores ou simplesmente por falta de procura ou de abastecimento, irão resistir?

Impedir um impacto muito severo na generalidade das empresas é já, infelizmente, uma impossibilidade. Atenuá-lo é uma exigência. Conseguir salvar o maior número de empresas e de emprego. É nisso que estou empenhado, em contacto permanente com os meus colegas dirigentes do movimento associativo empresarial e com o Governo, procurando as melhores respostas a esta situação, em tudo o que diz respeito às empresas.

**VE – Como avalia as medidas criadas pelo Governo ao nível dos incentivos financeiros e fiscais? São suficientes?**

**AS** - Afirmei já que os 9200 milhões de liquidez a injetar na economia, anunciados pelo Governo português, comparam mal, em termos relativos, com o que outros países europeus se propõem fazer chegar às suas empresas. No entanto, não são os montantes anunciados que mais me preocupam. Esses podem ser aumentados, e se-



“Só salvando as empresas será possível preservar o emprego”, afirma António Saraiva.

lo-ão, certamente, por força das circunstâncias.

O que mais me preocupa são as disfunções que ainda permanecem nos vários instrumentos que estão a ser delineados e que prejudicam a eficácia e rapidez com que as medidas estão a chegar ao terreno. Os apoios têm vindo ser ajustados, na sua configuração, mas ainda não se compadecem com a urgência que a gravidade da situação requer.

**VE – Acha que, por exemplo, o adiantamento na restituição de imposto, nomeadamente do IVA, seria uma boa medida? Que outras medidas poderiam ser tomadas no plano fiscal?**

**AS** - Não descarto, à partida, nenhuma medida. Todas as medidas devem ser equacionadas, avaliadas e aplicadas, conforme o exigir a evolução da situação.

Continuamos a apresentar as nossas propostas, quer com o objetivo de um acesso mais fácil, mais rápido e mais abrangente às medidas já decididas, quer em termos de novas medidas. Temos sido críticos e construtivos. Temos sido ouvidos. É um caminho que está a ser feito em diálogo constante, com a responsabilidade que a

situação exige. Mas, confesso, com uma crescente impaciência.

**VE – Ao nível laboral, as medidas criadas são as mais ajustadas?**

**AS** - Também a este nível, as medidas têm vindo a ser ajustadas, mas ainda não se compadecem com a urgência e a gravidade desta situação. Continuamos a dialogar com o Governo, com um sentido de urgência e uma impaciência que vai aumentando, hora a hora, minuto a minuto.

**Milhares de empresas com sobrevivência ameaçada**

**VE – Quais são as principais queixas ou preocupações que as associações empresariais têm feito chegar à CIP?**

**AS** - Estamos em permanente contacto com os nossos associados, auscultando as suas preocupações, que em grande parte são comuns. Como referi, todas as consequências das graves perturbações causadas por imposição legal de encerramento, pela ausência de trabalhadores, pela queda da procura, por falta de abastecimento, por problemas logísticos. Em suma, por toda uma economia que entrou em hibernação, para não utilizar

**“Os ‘eurobonds’ [agora sob o nome de ‘coronabonds’] são precisamente um instrumento adequado a esta situação. Têm de ser urgentemente postos na agenda europeia, vencendo preconceitos e tabus”**

a palavra colapso. Mais do que meras preocupações, são as angústias que nos chegam de milhares de empresas que veem a sua sobrevivência ameaçada, sem plano B para acionar, e sem que as medidas que vão sendo anunciadas cheguem ao terreno.

**VE – Caso a situação de emergência nacional perdure por mais tempo, quais poderão ser as consequências nas empresas e na economia portuguesa?**

**AS** - A situação será, obviamente, mais complicada quanto mais tempo durar esta situação.

Mais difícil será às empresas aguentar, maior será o esforço exigido ao Governo para que mais empresas se possam salvar.

**VE – A União Europeia deveria ter um papel mais ativo, nomeadamente incutindo maior flexibilidade aos fundos comunitários?**

**AS** - Essa maior flexibilidade já está a ser equacionada, mas não basta. É pouco, muito pouco, face às necessidades.

No plano europeu, depois das primeiras declarações bem-intencionadas, da suspensão das regras de disciplina orçamental e da flexibilização das regras, pouco mais vimos.

Fica a ideia de que, num momento de emergência, o melhor de que a União Europeia é capaz é não “estorvar” os Estados-membros.

Ora, esta é a oportunidade para a União Europeia mostrar que é capaz de acrescentar algo aos esforços desenvolvidos por cada Estado-membro, coordenar a sua ação, protegê-los das suas vulnerabilidades.

São precisos novos instrumentos. Os “eurobonds” – agora sob o nome de “coronabonds” – são precisamente um instrumento adequado a esta situação. Têm de ser urgentemente postos na agenda europeia, vencendo preconceitos e tabus.

**VE – Que mensagem gostaria de transmitir nesta altura?**

**AS** - Uma certeza: só salvando as empresas será possível preservar o emprego. Um só objetivo, para o qual todos somos mobilizados, todos, mas mesmo todos, independentemente dos nossos interesses específicos e das nossas ideologias. Por Portugal e pelos portugueses.